



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE HISTÓRIA

ÉLICA LIBIA OSÓRIO PEREZ DE OLIVEIRA

**AS REVOLUÇÕES GUIADAS POR MULHERES NA
PERIFERIA DO MUNDO MUÇULMANO: CURDAS E
SAARAUIS 2022-2023**

Porto Nacional- TO
2023

ÉLICA LIBIA OSÓRIO PEREZ DE OLIVEIRA

**AS REVOLUÇÕES GUIADAS POR MULHERES NA
PERIFERIA DO MUNDO MUÇULMANO: CURDAS E
SAARAUIS 2022-2023**

O artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Licenciatura em História para obtenção do título de licenciada em História, aprovado pela banca avaliadora.

Orientadora: Dr. Êça Pereira da Silva

Porto Nacional- TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- O48r Oliveira, Élica Libia Osório Perez de.
 As revoluções guiadas por mulheres na periferia do mundo
 muçulmano: curdas e saarauis 2022-2023. / Élica Libia Osório Perez
 de Oliveira. – Porto Nacional, TO, 2023.
 40 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2023.
Orientador: Êça Pereira da Silva
1. Mulheres. 2. Autodeterminação. 3. Unidades de Defesa das
Mulheres. 4. União Nacional das Mulheres Saarauis. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ÉLICA LIBIA OSÓRIO PEREZ DE OLIVEIRA

AS REVOLUÇÕES GUIADAS POR MULHERES NA PERIFERIA DO MUNDO MUÇULMANO: CURDAS E SAARAUIS 2022-2023

O artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Licenciatura em História para obtenção do título de Licenciada em História, e aprovado pela banca avaliadora.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Êça Pereira da Silva, Orientadora, UFT

Prof. Dr. Angela Artur Teixeira, Avaliadora, UFT

Prof. Dr. Fabiana Scoleso, Avaliadora, UFT

Porto Nacional-TO, 2023

“Não se trata apenas de usar armas, trata-se de defender os próprios direitos, uma identidade, por tudo o que pertence ao ser humano. Tentamos criar esta consciência: um ataque a uma mulher é um ataque a todas as mulheres. [...] Quando a unidade e a união são criadas, todos nos tornamos mais fortes.”(Newroz Ehmed, 2022, apud YPJ, 2022).

AGRADECIMENTOS

Fazer estes agradecimentos é tentar ser grata, pelo menos em parte, aos principais personagens que me ajudaram nestes últimos quatro anos de graduação. Que apesar de todo o meu stress, de todas as dificuldades e crises que eu enfrentei, estiveram ao meu lado.

A princípio, eu quero agradecer aos meus pais Lubian Antônio e Marinez dos Santos, que me apoiaram em todas as minhas escolhas e, sobretudo, quando decidi que iria cursar Licenciatura em História. Eles que sempre se dedicaram ao máximo tanto para a minha formação como ser humano, quanto para a formação profissional. Agradeço também aos meus irmãos Lucas e Lídia, que apesar de criticarem a minha escolha de curso, vibraram com todas as minhas conquistas junto comigo.

Agradeço também à minha orientadora, a professora Dr. Êça Pereira, que ampliou meus horizontes, que desde o início apoiou e incentivou a minha pesquisa, e que nunca duvidou do meu potencial. Sou grata por todas as reuniões, as escutas, as correções feitas de forma tão atenciosa e a paciência comigo.

A minha companheira Tainá Rodrigues, por me apoiar, entender e acalmar em momentos de stress e tristeza, por me ouvir por horas falando sobre temas “entediantes”, e por me tirar sorrisos sempre que eu estava cabisbaixa durante o período da pesquisa.

Quero agradecer também a todos os amigos, e colegas que fizeram parte da minha graduação, que compartilharam comigo dores e alegrias da vida universitária. Obrigada David e Larissa por conversarem comigo durante as horas que perdíamos para chegar na Universidade, sou grata por todos os nossos momentos juntos. Sem vocês a graduação teria sido muito mais difícil. Agradeço aos meus professores que me inspiraram, ensinaram e me incentivaram a ser uma pessoa melhor profissionalmente, e como ser humano também.

RESUMO

O presente trabalho se insere no campo da História das Mulheres e tem como objetivo contribuir para a história das mulheres do Sul Global. Ele se propõe a analisar comparativamente os discursos escritos por mulheres das Unidades de Defesa das Mulheres (YPJ) e da União Nacional de Mulheres Saarauis (UNMS) entre 2022 e 2023 publicados em sites por elas criados, bem como suas contribuições para as lutas pela autodeterminação de seus povos. Embora essas mulheres estejam geograficamente separadas por continentes diferentes, enfrentam situações históricas semelhantes desde o final do século XIX e, a partir da década de 1970 ainda mais semelhantes, quando se organizaram politicamente. A pesquisa nos mostra também, como os sites usados são utilizados como um novo espaço de luta e de ascensão discursiva. Este trabalho adota o método de História Comparada teorizado por Marc Bloch, por analisar os discursos destes grupos de mulheres a respeito das violações dos Direitos Humanos, utilizando fontes que são compreendidas como novas formas de comunicação.

Palavras-chaves: Mulheres. Autodeterminação. Unidades de Defesa das Mulheres. União Nacional das Mulheres Saarauis.

ABSTRACT

This work falls within the field of Women's History and aims to contribute to the history of women in the Global South. It proposes to comparatively analyze the speeches written by women from the Women's Defense Units (YPJ) and the National Union of Saharawi Women (UNMS) between 2022 and 2023 published on websites created by them, as well as their contributions to the struggles for self-determination of their people. Although these women are geographically separated by different continents, they face similar historical situations since the end of the 19th century and, from the 1970s onwards, even more similar situations, when they organized themselves politically. The research also shows us how the websites used are used as a new space for struggle and discursive ascension. This work adopts the Comparative History method theorized by Marc Bloch, by analyzing the speeches of these groups of women regarding Human Rights violations, using sources that are understood as new forms of communication.

Key-words: Women. Self-determination. .Women's Defense Units. National Union of Saharawi Women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Mapa do Império Otomano...	12
Imagem 2. Mapa do Curdistão...	13
Imagem 3. Antes e depois da Conferência de Berlim...	15
Imagem 4. Mapa do território do Saara Ocidental após a invasão Marroquina...	23
Imagem 5. Mulheres curdas que morreram em ataques do Estado Turco...	34
Imagem 6. Mulher saaraui com cicatrizes da tortura feita pelo Estado marroquino.	34

LISTA DE SIGLAS

ISIS	Estado Islâmico
PKK	Partido dos Trabalhadores do Curdistão
PSOE	Partido Socialista Operário Espanhol
UNMS	União Nacional das Mulheres Saarauis
RASD	República Árabe Saarai Democrática
YPJ	Unidades de Defesas das Mulheres

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRIA DAS MULHERES E O FEMINISMO TRANSNACIONAL	17
2.1 Frente da luta curda e a incorporação das mulheres.....	18
2.2 Frente da luta saaraui e a incorporação das mulheres.	20
3 SITES E NOVOS ESPAÇOS PARA A ESCRITA FEMININA	25
3.1 Site das curdas	26
3.2 Site das saarauis	28
4 CURDAS E SAARAUIS NO AMBIENTE VIRTUAL: COMPARAÇÃO DO DISCURSOS	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo da História das Mulheres, e busca contribuir com a escrita da História das mulheres do Sul Global através da análise de seus discursos publicados em sites feitos por elas mesmas, e suas participações nas lutas pela autodeterminação de seus povos. Estas mulheres, curdas e saaraus, cujos povos lutam por autodeterminação desde o final do século XIX/início do século XX, com o neocolonialismo em África e a desagregação do Império Turco-Otomano no início do século XX, comungam desafios similares. Nesta pesquisa comparo relatos produzidos entre 2022 e 2023 pelas mulheres participantes dos movimentos de autodeterminação do Curdistão e do Saara Ocidental.

A luta do povo curdo, também conhecida como “questão curda”, começou no final do século XIX/início do século XX “com o fim do sultanato e a queda do Império Otomano”, de acordo com Paniz (2018, p.16). Segundo ¹Hourani(2006, p. 163), o Império Otomano que tinha como capital Constantinopla (atual Istambul), incluía todos os países de língua árabe, com exceção de partes da “Arábia, o Sudão e o Marrocos o Império também incluía a Anatólia e o sudeste da Europa”, este império garantiu a “expressão da universalidade do mundo do Islã. Preservou a lei religiosa, protegeu e ampliou as fronteiras do mundo muçulmano, guardou as cidades santas da Arábia e organizou a peregrinação a elas.”, porém. no final do século XVIII “a elite otomana reinante tomava consciência de um relativo declínio de poder e independência(...)”, em decorrência do “início de mudança na natureza e na direção do comércio, à medida que governos e comerciantes europeus se tornaram mais fortes no oceano Índico e no mar Mediterrâneo.”(Hourani, 2006, p. 163).

Imagem 1- Mapa do Império Otomano



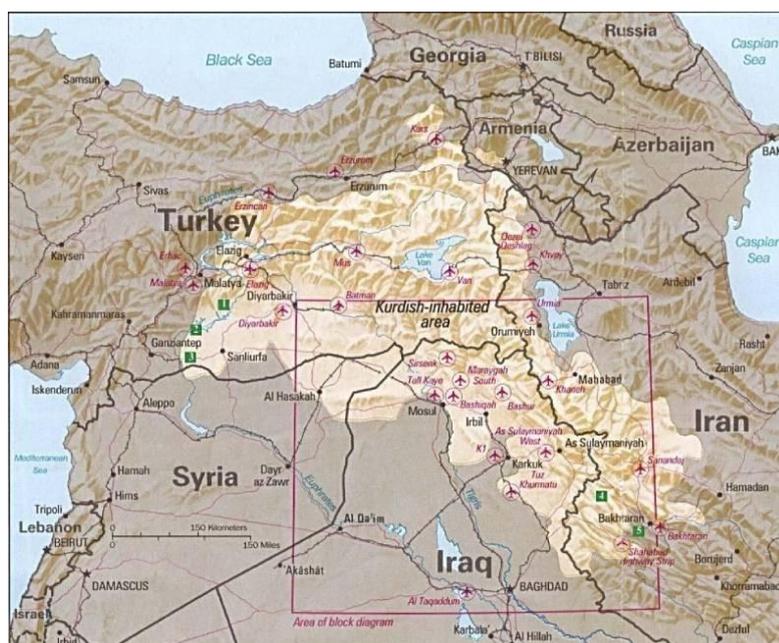
¹ Vale ressaltar que nesta citação, Hourani(2006) considera o Saara Ocidental como parte do Marrocos.

Fonte: Historiandonanet

Neste mapa podemos observar o auge da extensão do Império Otomano marcadas com cores vermelhas, este apogeu ocorreu entre os séculos XV até meados do século XVIII(Hourani, 2006). É perceptível nesta imagem, o quanto o Império era grande territorialmente, chegando a fazer parte do Oriente Médio(onde o Curdistão estava localizado), Norte da África e até mesmo do Sudeste Europeu. Para Hourani(2006, p.170), o Império Otomano “manteve juntas terras de tradições políticas muito diferentes, muitos grupos étnicos — gregos, sérvios, búlgaros, romenos, armênios, turcos e árabes — e várias comunidades religiosas — muçulmanos sunitas e xiitas, cristãos de todas as Igrejas históricas, e judeus.”, isso nos mostra como o Império era plural e heterogêneo.

O declínio do Império Otomano já estava acontecendo desde o final do século XVIII, como dito anteriormente, mas em 1922 ocorreu oficialmente o fim do Império Otomano com a remoção do Califa Mahmed VI do poder. Em 1920, após a primeira Guerra Mundial, as potências europeias, sobretudo a França e a Inglaterra reconheceram a existência do território do Curdistão no Oriente Médio, através do Tratado de Sèvres, mas com a independência da Turquia em 1923, Mustafá Kemal Atatürk- primeiro presidente do país, determinou que o Tratado de Sèvres não fosse reconhecido em sua República, diante disso, assinou o Tratado de Lausanne, que não reconhecia nem os curdos, nem o território do Curdistão. (Ortega, 2020).

Imagem 2- Mapa do Curdistão



Fonte: Instituto Humanitas unisinos

Podemos observar neste mapa, o território do Curdistão delimitado pela linha vermelha. O Curdistão está localizado atualmente em vários países, e de acordo com Ortega (2020, p.10), o Tratado de Lausanne de 1923 influenciou na dispersão curda “entre os Estados nacionais que se consolidaram naquele contexto, como Irã, Iraque, Síria e a própria Turquia.”, fazendo com que este povo se localizasse à margem, ou seja, na periferia de vários Estados nacionais muçulmanos. A partir de 1923 a Turquia não reconheceu o território do Curdistão, nem o grupo étnico curdo, e tentou fazer um processo de “assimilação forçada” desde a desintegração do Império Otomano. De acordo com Ortega(2020, p.10), a Turquia

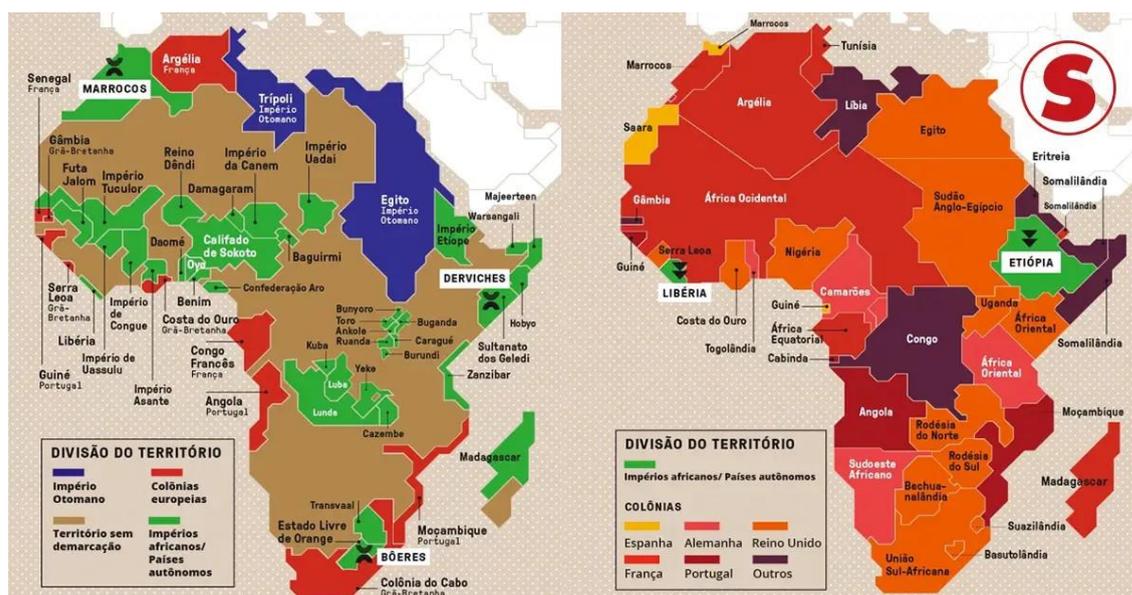
se nega a reconhecer a cultura, a identidade, a língua e as mais diversas dimensões e expressões dos curdos. A língua curda, por exemplo, até meados de 1990, era expressamente proibida de ser falada em território turco, mas, até os dias de hoje, ainda é proibido, por exemplo, o aprendizado da língua curda nas escolas primárias turcas[...]

Porém países como Iraque, Irã e Síria também praticaram neste momento, “violência e repressão contra os curdos”, e “também buscaram esses tipos de ações para repreender esta população.”(Assis, 2019, p.20).

Já o que podemos chamar de “questão Saaraui” começou no final do século XIX com a colonização do Saara Ocidental pela Espanha, de acordo com Smolarek (2013, p.34). O Saara Ocidental fica localizado no Norte da África; região também conhecida como Magreb. Ele faz fronteira com o Marrocos, Mauritânia, Argélia, e é considerado a última colônia do continente africano.

Em 1885 aconteceu a Conferência de Berlim, onde países europeus partilharam entre si, os países do continente africano, transformando-os em colônias europeias. Após esta conferência, a Espanha ficou com o domínio do Saara Ocidental. Este domínio se manteve “homogêneo” até 1976, quando a Espanha fez o Acordo de Madrid que concedeu os territórios do Saara Ocidental ao Marrocos e à Mauritânia.

Imagem 3- Antes e depois da Conferência de Berlim



Fonte: Super interessante

Nesta imagem podemos observar como foi dividido o continente africano após a conferência de 1885. Podemos notar também na imagem, que a região onde hoje é localizado o Saara Ocidental está escrito como “Território sem demarcação” ao lado esquerdo, o que se pressupõe, que não havia povos sedentários na região ou impérios africanos, porém, havia povos nômades na região, que se deslocavam constantemente por causa da escassez de chuvas e a aridez do solo (Canales, 2022).

De acordo com Hourani (2006, p.86), nesta região conhecida como Magreb e no Oriente Médio, os povos que ali viviam, “(...) tenderam a produzir um tipo de sociedade muitas vezes chamada de “tribal”(…)”. onde “tanto em comunidades pastoris quanto nas aldeãs, a unidade básica era a família nuclear de três gerações: avós, pais e filhos vivendo juntos em casas de aldeia feitas de pedra, adobe ou qualquer material local existente, ou nas tendas de pano do nômade.”, ou seja, na região onde nos dias atuais é o Saara Ocidental havia vários povos “tribais”, que de acordo com Canales (2022), eram compostos por beduínos, macuas, entre outros. Para Canales (2022), foi com a miscigenação das sociedades tribais daquela região que o povo saarai virou um povo tribal e passou a ser composto por vários destes grupos, tendo como língua comum o dialeto árabe Hassaniya. Após a divisão do continente africano feita em 1885, a Espanha delimitou o que então seria o Saara Ocidental.

Em 14 de dezembro de 1960, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou a resolução 1514(XV)- que previa a autodeterminação dos povos, esta resolução declarou:

1. A sujeição dos povos a uma subjugação, dominação e exploração constitui uma negação dos direitos humanos fundamentais, é contrária à Carta das Nações Unidas e compromete a causa da paz e da cooperação mundial;
2. Todos os povos tem o direito de livre determinação; em virtude desse direito, determinam livremente sua condição política e perseguem livremente seu desenvolvimento econômico, social e cultural.
3. A falta de reparação na ordem política, econômica e social ou educativa não deverá nunca ser o pretexto para o atraso da independência.
4. A fim de que os povos dependentes possam exercer de forma pacífica e livremente o seu direito à independência completa, deverá cessar toda ação armada ou toda e qualquer medida repressiva de qualquer índole dirigida contra eles, e deverá respeitar-se a integridade de seu território nacional.
5. Nos territórios, sem condições ou reservas, conforme sua vontade e seus desejos livremente expressados, sem distinção de raça, crença ou cor, para lhes permitir usufruir de liberdade e independência absolutas.
6. Toda tentativa encaminhada a quebrar total ou parcialmente a unidade nacional e a integridade territorial de um país é incompatível com os propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas.
7. Todos os estados devem observar fiel e estreitamente as disposições da Carta das Nações Unidas, da Declaração Universal de Direitos Humanos e da presente declaração sobre a base da igualdade, da não intervenção nos assuntos internos dos demais Estados e do respeito aos direitos soberanos de todos os povos e de sua integridade territorial. (Gothier, L. E Trous, A., 1968, p.258-9).

Mesmo após esta resolução da ONU, nem a Turquia reconheceu o território do Curdistão, nem a Espanha concederia a independência ao Saara Ocidental, o que comprova as limitações das instituições frente aos interesses materiais concretos. Portanto, desde o final do século XIX, ambos os grupos começaram suas lutas pela autodeterminação de seus territórios mesmo sem o apoio de grandes potências estrangeiras. Estas lutas perduram até os dias atuais atravessando várias mudanças conjunturais e ideológicas.

Nos novos meios de comunicação, como sites, principalmente mulheres dos dois grupos, fazem publicações denunciando as Violações dos Direitos Humanos ocorridas em seus territórios, e buscam através de uma linguagem ampla (escrevendo os sites em diversos idiomas), uma maior difusão de seus discursos. Busco neste artigo, aplicar o método comparativo do Marc Bloch, para comparar as fontes que são os discursos publicados em sites da guerrilha armada curda YPJ (Unidades de Defesas das Mulheres), e também da ala feminina da Frente Polisário, UNMS (União Nacional das Mulheres Saarauis). Os dois movimentos são compostos exclusivamente por mulheres e elas são primordiais para a compreensão de como se deu as lutas de seus povos entre o ano de 2022 e 2023.

2 HISTÓRIA DAS MULHERES E O FEMINISMO TRANSNACIONAL

Para a historiadora francesa Michelle Perrot(1995, p.13), no Ocidente “até o século XIX, faz pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído”. Para a historiadora, a História das mulheres do Ocidente só passa a ser escrita a partir da Escola dos Annales(Perrot, 1995). A historiadora se referiu a História das mulheres do Ocidente, principalmente francesas, por outro lado, não temos até o momento, o marco inicial da escrita da História das Mulheres do Sul Global, sobretudo, que estão inseridas em grupos étnicos não ocidentais e que lutam por autodeterminação.

Apesar de grande parte das integrantes da YPJ serem muçulmanas, a luta da guerrilha curda não é pautada exclusivamente na religião, e outros “objetos” são pilares da luta, como podemos observar quando Abdullah Öcalan- líder curdo que formula as bases teóricas da guerrilha curda, teoriza que “o Confederalismo Democrático está aberto a outros grupos e facções políticas. É flexível, multicultural, antimonopolista e orientado para o consenso. A ecologia e o feminismo são pilares centrais.”(Ocalan, 2020, p.21 apud Gimenez, p.58). As mulheres saarauis são majoritariamente muçulmanas também, e tem suas especificidades a respeito da religião islâmica. De acordo com a secretária geral da UNMS em 2023,

O islam não foi criado contra a mulher, nem contra o homem, mas cada um pratica do seu ponto de vista. A mulher saarai sempre foi muçulmana, mas nunca deixou que o islam fosse uma barreira para o seu trabalho ou para o que ela queira fazer”(Chaba Seini, 2023, apud Mello, 2023).

Ou seja, a religião é vista e interpretada de forma pessoal nos dois movimentos e não chega a interferir nas questões políticas deles, pelo menos no discurso.

Independente disso, entender o “feminismo islâmico” ou o “feminismo transnacional” é muito importante para o entendimento do papel, fundamental, destas mulheres dentro das lutas por autodeterminação de seu povo, pois entender este “feminismo” não Ocidental, é entender as especificidades de cada movimento dentro dos seus respectivos contextos históricos e sociais e evitar teorias generalizantes e o “orientalismo de gênero”. As mulheres curdas, por exemplo, tem seu próprio jeito de olhar a equidade de gênero, o patriarcado e a misoginia com o movimento intitulado como “jineôlogi”, já as saarauis se dizem antipatriarcal, mas com suas próprias especificidades em relação ao patriarcado, a misoginia e a equidade de gênero.

É importante que não limitemos as lutas dessas mulheres ao feminismo ocidental o qual, temos mais contato, pois

Ao final, mulheres muçulmanas se veem sob um duplo enfrentamento: problematizar as construções patriarcais de suas identidades forjadas dentro de suas comunidades, em nível local,[...] e também a política que se utiliza- em seu nome- do discurso do Orientalismo, em nível internacional. (Chaise, 2016, p.1028).

2.1 Frente da luta curda e a incorporação das mulheres.

Após a resolução 1514 da ONU e em decorrência do processo de assimilação promovido pelo Turquia, e com a repressão “cada vez mais violenta, acontecendo diversos ataques de turcos contra as manifestações e levantes curdos”, em 27 de novembro de 1978 foi fundado o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) por Abdullah Öcalan(Assis, 2019, p.21), em um acampamento revolucionário, que contava com vários palestinos integrantes de movimentos revolucionários europeus como a Fração do Exército Vermelho(RAF), do Exército Republicano Irlandês(IRA), e Pátria Basca e Liberdade(ETA), de acordo com o internacionalista ²Çiyager Marighella(2022), o que demonstra, a influência dos ideais ocidentais dentro da própria fundação do PKK. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão buscava “organizar para a criação do Estado do Curdistão e revidar os ataques turcos para evitar a destruição do seu povo”(Assis, 2019, p.21).

Abdullah Öcalan criou o Confederalismo Democrático e, tornou-se um dos grandes líderes do movimento de autodeterminação do Curdistão(Assis, 2019). A princípio, a ideologia de Abdullah era marxista-leninista, mas ele foi preso pela Turquia em 1999 e acabou condenado a cárcere perpétuo. Após esta prisão, a luta dos curdos continuou e houve uma mudança de paradigma na luta com a formulação do Confederalismo Democrático por Abdullah. Para Assis(2019, p.22), os principais pontos para a criação do Confederalismo Democrático foi que Abdullah:

Em seus estudos, dedicou-se a entender o feminismo e a participação das mulheres na sociedade e suas particularidades, a importância da relação com o meio ambiente e os estudos de Murray Bookchin e sua teoria do Municipalismo Libertário para planejar uma nova sociedade para os curdos e as minorias presentes nas regiões.

Porém, antes mesmo da formulação do Confederalismo Democrático, as mulheres militantes curdas começaram a discordar das divisões de pautas e gêneros dentro do próprio PKK, de acordo com Paniz (2018). A partir de 1984 o PKK formou as primeiras “unidades independentistas na Turquia, oportunizando a incorporação de mulheres às frentes de combate” (Guarcho Ribeiro 2021, p.30).

Em 1987 as militantes curdas fundaram a “União Patriótica das Mulheres do Curdistão” (YJWK), para Guarcho Ribeiro(2021, p. 48), este movimento, destinado “a contestar os papéis de gênero nas organizações política, é um passo a mais para a articulação

² Çiyager Marighella(2022) é um brasileiro filiado ao PKK que mora atualmente em Rojava.

de um movimento de mulheres amplo e fortalecido.”. Em 1995 foi fundada a “União das mulheres livres do Curdistão” (Yjak), e em 1999 foi fundada a “Mulheres Partido dos Trabalhadores do Curdistão” (PJKK). De acordo com Paniz (2018, p. 17),

A formação dos diferentes grupos de mulheres simboliza o alcance do ativismo produzido por elas e a multiplicidade de perspectivas presentes nos movimentos. Guardadas as especificidades de cada uma delas, em linhas gerais as denúncias de posturas machistas por parte de seus companheiros de militância, e de violência específica de gênero por parte das forças militares armadas do Estado turco, as mulheres passaram a elaborar suas próprias pautas.

Com a fundação destes partidos, nota-se a força que as mulheres vêm ganhando neste movimento. Na década de 1990 o conflito entre principalmente a Turquia, e a partir de diversas insurgências do PKK, passou a ser cada vez mais violento, acontecendo diversas mortes, sequestros, tendo como autoria desta violência ambos os lados. De acordo com Ortega(2020, p.49), em meados de 1990

é profundamente enraizada na estrutura da República turca e ela impossibilita e bloqueia qualquer chance de diálogo com outras etnias, a não ser com turcos e turcos assimilados. A esse ponto, o conflito parece impossível de ser solucionado por vias democráticas ou de forma pacífica.

Visto a diferença bélica e militar entre a Turquia e o PKK naquela década, “a guerra de guerrilha é a única opção para dar continuidade à luta(...)”(Ortega,2020,p.50), ou seja, o grupo passou a atuar de outra maneira para tentar resistir ao processo de assimilação forçada promovido pelo Estado Turco. Nesta mesma década, a Turquia conseguiu várias “vitórias” sobre o movimento curdo, que de acordo com Ortega(2020), foram possibilitadas pelo apoio recebido pela Turquia, por Israel e pelos Estados Unidos. Em 1999 Abdullah foi preso, e “sua prisão foi um marco histórico para a história curda e para o nacionalismo curdo contemporâneo.”(Ortega, 2020, p.50).

De acordo com Ribeiro Guarche(2021), as mulheres ganharam um maior destaque em momentos decisivos desencadeados por elas dentro das ações armadas nos conflitos entre o PKK e a Turquia. Para a autora, “o surgimento de grupos de mulheres voltados ao campo militar do PKK, torna-se fundamental para a sobrevivência das organizações curdas, pois elas passam a ser o braço armado que garante a ação política e o trabalho de base nas comunidades.”(Guarche Ribeiro, 2021, p.47).

Com a Guerra da Síria que teve início em 2011, o Estado sírio “deixou de voltar suas atenções para as causas curdas e voltou-se para a guerra civil e o avanço do ³Estado Islâmico

³Estado Islâmico, ou ISIS, ou ainda Daesh é um grupo jihadista, islamita surgido em 2003 no Iraque, e que promove desde então ataques em países da Europa e do Oriente Médio.

na região.”(Assis, 2019, p.27), que conseqüentemente fez com que os curdos conseguissem autonomia na região de Rojava em 2014, onde ficam localizadas as cidades de Kobanê, Afrîn e Cîzere(Norte da Síria). Com a autonomia de Rojava e, visto a guerra que acontecia no território sírio, a guerrilha curda, também teve que enfrentar o Estado Islâmico(ISIS) na região de autônoma

que acabou trazendo a notoriedade dos curdos nos meios de comunicação e importantes conquistas para estabilização da região. Isto se deu ao fato das suas ações bem-sucedidas contra os terroristas e a ocupação das áreas antes dominadas pelos mesmos. Um dos principais motivos para as vitórias frente a esse grupo, se deu através da atuação do exército das mulheres curdas, que contribuem para a defesa área de Rojava.(ASSIS, 2019, p.29).

Em 2013 foi fundada a YPJ (Unidades de Defesas das Mulheres), composta exclusivamente por mulheres dentro da guerrilha armada curda, e que foram essenciais para a “baixa” do ISIS na região de Rojava. Estas mulheres, atualmente, “formam um dos maiores contingentes de mulheres armadas do mundo.”(Guarcho Ribeiro, 2021, p.30). De acordo com as informações divulgadas pelo próprio grupo em 2022, a YPJ lidera a luta para derrubar o califado do ISIS nos territórios do Curdistão e “nos territórios considerados autônomos a igualdade de gênero tornou-se a base da construção política comunitária.” (Paniz 2018, p.18). Outra informação importante contida no site do grupo é a luta curda, na atualidade, ter um viés antipatriarcal e anticapitalista(YPJ, 2022).

2.2 Frente da luta saarai e a incorporação das mulheres.

Em maio de 1973 foi fundada a Frente Polisário (Frente Popular de Libertação de Sanguía el Hamra e Río de Oro). Para entendermos como aconteceu a fundação da Frente Polisário “debemos remontarnos años atrás cuando comenzaron a gestarse las insumisiones políticas por parte de los y las saharauis respecto a las autoridades españolas”(Justo, 2013, p. 263), ou seja, precisamos entender a resistência saarai feita antes de 1973 frente ao governo Espanhol.

Em 1969 foi fundado o MVLS(Movimento de Vanguarda para a Libertação do Saara), também conhecido como OALS(Organização Avançada para a Libertação do Saara). Este movimento foi feito em Smara por Mohamed Sidi Brahim Basir, jornalista saarai formado na Síria. Foi “donde se comenzó a organizarse la juventud saharai que pretendía reclamar su derecho frente a la España colonizadora.”(Justo, 2013, p.265), isto é, a partir de 1969, podemos presumir, que começaram as lutas nacionalistas saarais por parte de uma juventude intelectual.

Em 1970 o movimento liderado por Mohamed Sidi Brahim Basir apareceu pela primeira vez em uma manifestação na cidade de El Aaiun, no bairro de Jatarrambra, onde os participantes cantaram “cantos patrióticos y consignas a favor de la autodeterminación.” (Guarrido, 2023, p.3), mas a manifestação foi reprimida por forças militares espanholas, onde o líder da manifestação Basir desapareceu.

Es en este momento histórico cuando aparece el primer gran mártir del movimiento, quien aún hoy continúa desaparecido: Basiri, el ya dirigente de la OALS fue detenido y entregado a una patrulla del Tercio III con la orden de ser expulsado a Marruecos. No se supo nada más de él.(Justo, 2003, p.267).

Após o desaparecimento de Basir, surgiu um novo líder do nacionalismo saaraui chamado El Luali Mustafa Sayed que estudou Direito e Ciências Políticas na Universidade de Rabat. De acordo com Guarrido(2023), outro movimento nacionalista também estava crescendo no Saara Ocidental sob o comando de Brahim Ghali, mas com a Fundação da Frente Polisário os movimentos se juntaram.

Em 1972 Mustafa Sayed organizou uma manifestação na cidade de Tan Tan, onde ele e vários estudantes “se echaron a las calles para reclamar la liberación del Sáhara Occidental exigiendo la salida de España del territorio. Muchos de ellos fueron detenidos por la policía marroquí, entre ellos Luali, que era uno de los organizadores.”(Guarrido, 2023, p.3), meses depois desta manifestação, Mustafa Sayed foi solto e fundou a Frente Polisário em 10 de maio de 1973, com a ideologia marxista-leninista(muito similarmente ao início do PKK). Para Justo(2013, p.267), a Revolução Saaraui não foi pensada acerca das “lutas de classes saarauis”, e sim

de una revolución entre clases en tanto “poderes nacionales” o estatales. La conciencia de clase y su consecuente lucha es la revolución guerrillera en sí misma, es decir, la lucha contra los burgueses del primer mundo y contra el “conservadurismo del campesinado”. Tomar “conciencia de clase” en este sentido es ser consciente de la identidad como saharai, el heredero legítimo y justo dueño del territorio del Sáhara Occidental. (...)

A partir da fundação da Frente Polisário, o movimento tornou-se armado. De acordo com Saponaro (2014, s/p)

Os acontecimentos do bairro de Jatarrambra, que culminaram com o desaparecimento de Basir, no auge de uma dura repressão das autoridades espanholas contra o movimento nacionalista nascente, terá consequências no plano político. As tentativas para ter algum tipo de diálogo com o poder colonial apresentam-se infrutíferas. A opção é seguir o caminho da maior parte dos movimentos anticoloniais: a luta armada.

Em 20 de maio do mesmo ano, a Frente Polisário enfrentou um posto policial espanhol, e este ataque foi liderado por Brahim Gali(que se tornou secretário geral da Frente

do Polisário). Em 6 de novembro de 1975 teve início um movimento conhecido como Marcha Verde, onde houve a invasão do Saara Ocidental por 350.000 mil marroquinos, que de acordo com Smolarek (2013, p.35) esses marroquinos “imbuídos de um ideário nacionalista que prega a anexação de vários territórios da região do Magreb aos seus domínios - de tal forma a constituir o “Grande Magreb Árabe”. Antes da colonização, viviam no território do Saara Ocidental grupos “tribais”, como dito anteriormente, e não um Estado moderno como conhecemos, diante disso, tanto o Marrocos, quanto a Mauritânia reivindicavam os territórios do Saara, isso posto, podemos concluir então, que a Marcha Verde reivindicava esta legitimidade sobre o território saarai. Vale ressaltar também que, no território do Saara havia/há muitas jazidas de ferro, cobre, fosfato e urânio, o que explica também, o porquê de tanta dificuldade que os saarais passaram e passam até os dias atuais para a autodeterminação de seu povo e o domínio de seu território.

Em fevereiro de 1976 a Espanha se retirou do território e o repassou para o Marrocos e a Mauritânia a partir do acordo de Madrid. No dia 27 do mesmo mês a Frente Polisário proclamou a RASD (República Árabe Saarai Democrática), sendo o Mustafa Sayed seu primeiro presidente. Mesmo com a proclamação da RASD o Marrocos não se retirou do território saarai e a Mauritânia invadiu o Saara Ocidental pela parte sul, conseqüentemente com isso, as Forças Militares do Marrocos e da Mauritânia entraram em guerra com a Frente Polisário. Em 1978 o governo saarai assinou um acordo de paz com a Mauritânia, e as tropas mauritanesas se retiraram de Dakhla. De acordo com Barros (2020, p.109) “a Mauritânia decidiu retirar-se do Saara Ocidental, tendo em vista que suas tropas estavam bastante desgastadas, devido à guerrilha implementada pela Frente POLISARIO.” Após a retirada da Mauritânia do território saarai, o Marrocos invadiu novamente o território e ficou onde antes estava a Mauritânia.

Entre os anos de 1981 e 1987, o Marrocos construiu um muro que dividiu o Saara em duas regiões: as zonas ocupadas pelo Marrocos sendo 85% do território e as zonas controladas pela Frente Polisário cerca de 15%. (Barros, 2020). O conflito armado entre a Frente Polisário e o Marrocos se estendeu por anos, até que em 1991 foi assinado o cessar fogo através da MINURSO (Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental), que foi uma missão das Nações Unidas para a manutenção da paz no Saara, “a qual tem como objetivo a organização e condução de um referendo de autodeterminação no território saarai.” (Barros, 2020, p. 105), o que nos mostra também como este objetivo da MINURSO não foi concluído, pois os saarais lutam por autodeterminação até os dias atuais nas regiões não autônomas do

Saara Ocidental. Inclusive apenas 82 países reconhecem a República Saaraui atualmente, o Brasil mantém uma posição de neutralidade

Imagem 4- Mapa do território do Saara Ocidental após a invasão Marroquina.



Fonte: UJS(2016)

Esta imagem nos ajuda a ter uma melhor compreensão do que foi exposto acima. Visto que, podemos observar onde fica localizado Smara, local onde foi fundado o primeiro movimento, El Aaiún, local onde ocorreu o primeiro levante comandado por Basir. Dakhla que foi uma região ocupada antes pela Mauritânia e atualmente pelo Marrocos. O muro que foi construído por Marrocos entre 1981 e 1987, e o quanto é vasto o território ocupado pelo Marrocos no Saara Ocidental. A Frente Polisário comanda atualmente apenas uma pequena parte do território saaraui.

A participação feminina na questão esteve presente desde o princípio da luta por autodeterminação, de acordo com Almeida Tavares(2018). Para a autora, com a manifestação comandada por Basir e a fundação da Frente Polisário, a participação das mulheres passou a ser “fundamental na organização de comícios e participaram massivamente neles, nas manifestações e revoltas, chegando até a participar como guerrilheiras na frente de batalha.”(Almeida Tavares,2018, p.37), ou seja, as mulheres desde o início participaram ativamente do nacionalismo saaraui e de seus levantes.

Outro ponto importante para se notar, é que o próprio fundador da Frente Polisário- Mustafa Sayed reconheceu em 1974, em um evento feito para as mulheres saarauias, elas como sendo principais no movimento fundado por ele, de acordo com Almeida Tavares(2018, p. 38), Mustafa Sayed “reconheceu que as mulheres eram um dos três grupos principais de

recrutamento do partido, conjuntamente com os operários e estudantes.” Neste mesmo evento foi feita uma ala exclusivamente feminina ligada à Frente Polisário chamada UNMS(União Nacional das Mulheres Saarauis).

A instituição possuía como seus principais objetivos contribuir para a criação de uma consciência nacional, ajudar a mobilização e a luta para a autodeterminação do Saara Ocidental, trabalhar para a emancipação da mulher e liberar a mulher saaraiu das amarras criadas pelo colonialismo espanhol (LIPPERT, 1992 apud Almeida Tavares, 2018, p. 38).

Com a invasão marroquina de 1975 houve uma fuga em massa dos saarauis de seus territórios e, conseqüentemente, houve a criação de acampamentos para abrigar a população refugiada, sendo um dos acampamentos mais importantes feito em Tindouf na Argélia, como vimos na **Imagem 4**.

De acordo com informações divulgadas pela UNMS(2022) através do site, esses campos de refugiados saarauis foram fundados e organizados, graças às mulheres. Outra informação importante contida no site do grupo é que a luta saarai também tem um viés antipatriarcal e anticolonial. Para Almeida Tavares(2018, p.40) “as mulheres saarauis foram parte central da luta de autodeterminação de seu povo[...]”, a autora destaca também que

A população saarai reconstruiu sua sociedade nos campos de refugiados desenvolvidos após a fuga de seu país natal, empreitada protagonizada pelo coletivo de mulheres saarauis. As mulheres saarauis foram responsáveis pela estruturação e administração dos acampamentos de Tindouf, além do estabelecimento de sistemas educacionais, de saúde e de justiça para a sobrevivência de sua comunidade.

O que nos demonstra a importância das mulheres na manutenção da sociedade saarai contemporânea.

3 SITES E NOVOS ESPAÇOS PARA A ESCRITA FEMININA

A internet, como usufruímos nos dias atuais, foi fruto de diversas “evoluções” tecnológicas ao decorrer do tempo. A partir dos anos 2000 houve um avanço das redes sociais, com a criação de várias delas, como o LinkedIn em 2002, o facebook em 2004, entre outras. Com a popularização das redes sociais, aconteceu uma expansão das ferramentas de comunicação em âmbito internacional.

De acordo com Choucair(2015, p.41), a internet torna os novos discursos “mais universalizados e horizontais, possibilitando que grupos com menor potencial tomem uma dimensão mais ampla de poder”. Consequentemente, com isso, o historiador teve uma ampliação nas possibilidades de fontes históricas, podendo analisar discursos através de variados pontos de vista, não se limitando, assim, aos discursos proferidos por grupos com maior notoriedade.

Conforme Silveira(2016, p.279), a historiografia ainda tem uma certa resistência em relação às fontes históricas virtuais, sobretudo, pela instabilidade dessas novas fontes, mas em contrapartida, “o computador seria o ponto de convergência dos diferentes tipos de mídia, reelaborando o texto, a fotografia, o cinema, a música, entre outros, a partir de uma linguagem de programação. Esta seria a origem das novas mídias.”

O historiador José d’Assunção Barros(2020), viu as fontes virtuais de uma forma muito similar a Silveira(2016). De acordo com Barros (2020, p.20), “quando um site expõe virtualmente um texto, estamos diante da fonte virtual, mas também da fonte textual que a nós se apresenta e que, facilmente, poderia ser reconduzida às páginas de um livro impresso.” que pode ser considerado como uma fonte histórica mais “tradicional”, ou seja, continua sendo um texto escrito, mas divulgado de outra forma.

Pensar a incorporação de sites e dessas novas formas de comunicação nas lutas por autodeterminação que estão sendo utilizadas por grupos como a YPJ e a UNMS, é entender que “A internet, então, não só vem sendo uma nova plataforma de comunicação, mas verdadeiramente se tornando intrínseca às múltiplas realidades que vivenciamos no século XXI”(Choucair, 2015, p.41), e que o âmbito virtual virou mais um campo de batalha entre os grupos citados, e os grupos que cometem violações dos Direitos Humanos em seus territórios- visto que, a Turquia, o ISIS, a Espanha e o Marrocos também utilizam

meios virtuais como divulgação de suas versões a respeito dos conflitos que também estão inseridos.

Para Choucair(2015, p.40), “entender os conflitos, entender a História (ou as Histórias) não é algo possível se ignorarmos o âmbito discursivo, o âmbito da disputa argumentativa e, também, o âmbito das construções e disputas morais”, ou seja, precisamos entender também, quais as consequências e objetivos destes discursos feitos virtualmente nos conflitos que acontecem no Curdistão e no Saara Ocidental.

De acordo com Choucair(2015, p.42), as plataformas virtuais, causam a “inserção discursiva das mulheres curdas na esfera pública internacional através dos materiais produzidos por elas e compartilhados na rede”, todavia, podemos entender que, muito similarmente, esta inserção discursiva também ocorre com as saarauis, como nos mostra uma delegada da Frente Polisário em 2023

A diplomacia, liderada pelos homens antes da guerra, agora será uma tarefa central das mulheres. Nas redes sociais e em viagens internacionais. Ainda que as mulheres também possam lutar, nossa causa não impede que as mulheres participem do combate, mas agora estamos voltadas para a luta comunicacional, em visibilizar nossa causa em outros países.(Tata Salek, 2023, apud Mello, 2023).

Veremos adiante o detalhamento das reportagens feitas pelas guerrilhas curdas que compõe a YPJ e pelas saarauis que compõem a UNMS nos seus respectivos sites entre 2022 e 2023.

3.1 Site das curdas

No dia 23 de agosto de 2022, a YPJ fez sua primeira publicação com o título “Sobrevivendo a um ataque de drone turco: testemunho da lutadora da YPJ Ronahî Xabat”. Nesta publicação, houve a transcrição de uma entrevista feita com uma guerrilheira curda chamada Ronahî Xabat, onde ela relatou um ataque que teria sofrido por parte do Estado Turco através de um drone no dia 3 de fevereiro de 2022 voltando de um funeral de guerrilheiros curdos que morreram em um ataque do ISIS. Ela teve uma perna amputada, a outra perna teve seu osso quebrado e sua mão foi gravemente ferida no ataque. Nesta entrevista, Ronahî solicitou à comunidade internacional, que sentenciasse a Turquia por seus crimes de guerra, que de acordo com ela são cometidos principalmente em ataques a civis e crianças(YPJ, 2022).

Em novembro de 2022, a Turquia fez uma onda de ataques no norte da Síria e no norte do Iraque, que tinha como objetivo atacar as bases de militantes curdos, de acordo com o próprio presidente da Turquia(Erdogan, 2022, apud YPJ, 2022). Em decorrência

disso, foram feitas em novembro de 2022, 4 publicações denunciando essa onda de ataques por parte da Turquia. No dia 14 de novembro de 2022, foi publicada a reportagem com uma entrevista com o seguinte título “Sobrevivendo a um ataque de drone turco: testemunho da mãe e lutadora do YPJ, Dicle Tirbespiye”. Nesta reportagem, Dicle Tirbespiye, colocou o porquê “[...] o Estado turco agora tem como alvo as mulheres.” (YPJ, 2022). É interessante notar a similaridade nos títulos das transcrições de entrevistas, podemos presumir que no começo do site havia um interesse em fazer reportagens neste formato, mas o mudaram após a 3ª publicação. A guerrilheira curda Dicle Tirbespiye também solicitou que a Turquia fosse julgada pela comunidade internacional pela violação dos Direitos Humanos que ocorrem na região autônoma do Curdistão, de acordo com ela; “o Estado turco quer, através da aniquilação das mulheres, destruir a revolução de Rojava.”(Tirbespiye, 2022 apud YPJ, 2022).

No mesmo mês, só que dia 21 de novembro de 2022, o site fez a seguinte publicação: “Avião turco mata 11 civis em ataque duplo em Teqil Beqil(Derik)”. Nesta reportagem, denunciou a presença de uma “base americana que está situada nas proximidades do local do ataque. (...) o silêncio das forças da coligação relativa aos ataques do Estado turco que têm como alvo matar civis”(YPJ, 2022). Podemos observar aqui também um clamor para que haja uma punição internacional à Turquia por seus ataques.

No dia 27 de novembro de 2022, aconteceu mais uma cobrança por parte da YPJ a respeito das violações dos direitos humanos cometidas pela Turquia contra curdos, com a seguinte reportagem: “Até hoje, nenhuma posição clara e suficiente foi tomada contra a brutalidade do Estado turco”. Nesta reportagem, teve uma entrevista com a guerrilheira Dilbirîn Kobane, onde ela denunciou o papel dos EUA no conflito, e aconteceu novamente a denúncia a respeito do silêncio internacional frente ao que a Turquia faz no Norte e Leste da Síria. O clamor para que houvesse uma punição internacional para a Turquia, foi feito, sobretudo, nas primeiras 4 reportagens do site.

No dia 29 de novembro de 2022, foi feita uma publicação sobre a visão que a YPJ tinha a respeito da onda de ataques que aconteceu em novembro de 2022. A YPJ mantém e organiza juntamente com outros grupos da guerrilha curda, campos e centros de detenção onde há filiados e remanescentes do ISIS. A reportagem publicada dia 29 de novembro de 2022, intitulada como: “Documentando o apoio contínuo da Turquia ao ISIS no Norte e Leste da Síria”, denunciou como os ataques turcos auxiliaram a fuga dos

remanescentes do ISIS destes campos onde estão. Segundo o grupo, esses ataques da Turquia ao povo curdo favorecem a atuação do ISIS porque os ajudaram na sua “reorganização e reagrupamento”(YPJ, 2022). De acordo com esta reportagem, os ataques turcos tinham como objetivo destruir as estruturas cruciais da região para que a economia ruísse, outro objetivo colocado, era que a Turquia queria deslocar a população daquela região. É interessante notar que as 4 últimas reportagens foram feitas no mês em que a Turquia fez uma onda de ataques no território onde está localizada a guerrilha das mulheres curdas, ou seja, foi em um período de efervescência do conflito onde aconteceu o maior número de publicação no site da YPJ, demonstrando também, através do pedido para que houvesse uma punição internacional a Turquia, que essa ofensiva iniciada por ela fosse interrompida nesses territórios através de uma ajuda internacional.

No dia 29 de dezembro de 2022, houve a publicação da reportagem: “Gabinete de Justiça e Reabilitação: “A Turquia quer que o ISIS se reorganize e se fortaleça.” , onde a YPJ com uma entrevista do Xalid Al Remoo integrante do Gabinete de Justiça e Reabilitação, reafirma a ideia de que o ISIS teria apoio da Turquia através do ataque aos campos e centros de detenção.

As publicações posteriores foram feitas nos dias 03, 05 e 12 de maio de 2023. Foi publicado no site da YPJ, uma série de três reportagens analisando os últimos 5 anos do governo da Turquia sob o comando dos partidos AKP(Partido da Justiça e do Desenvolvimento) e o MHP(Partido do Movimento Nacionalista). De acordo com a YPJ(2023), esta aliança entre esses partidos turcos teve como base “políticas anticurdas, corrupção, misoginia e expansionismo, causando massacres, ocupações ilegais e guerras”. Denunciaram nestas reportagens, graves violações dos Direitos Humanos cometidos pela Turquia no norte e no leste da Síria, e em prisões turcas, onde suas maiores violações são sobre “curdas, defensores dos direitos das mulheres e jornalistas”(YPJ, 2023).

3.2 Site das saarauis

Dia 11 de agosto de 2022 foi publicada a reportagem intitulada “14N: Os Acordos Tripartidos de Madrid”. Neste texto, a autora Canales(2022), falou sobre a invasão acontecida em 1975 por parte do Marrocos no Saara Ocidental. Canales(2022), destacou também, o apoio recebido pelo Marrocos vindo da França e dos Estados Unidos, além da Espanha para invadir o território saaraui. A autora trouxe os argumentos do povo saaraui em relação ao Acordo de Madrid que cedeu o território do Saara Ocidental ao Marrocos e

a Mauritânia, e afirmou que este acordo era ilegal, pois não obedeceu a resolução 1514(XV) de 1960 da ONU. Houve também, a denúncia da postura das Nações Unidas na mediação do conflito, para Canales(2022), “as Nações Unidas continuarão a ser uma entidade elitista e inútil que apenas defende os interesses dos poderosos.”, o que demonstra aqui uma crítica às grandes potências que não conseguiram resolver a questão saaraui.

No dia 08 de setembro de 2022 foi publicada a reportagem intitulada como “Anteriormente no Saara Ocidental. ”, onde a autora, trouxe reflexões a respeito do apoio dos EUA durante o governo de Donald Trump, e depois no de John Biden sobre “ a soberania marroquina sobre o Sahara Ocidental.”(Canales, 2022). Nesta reportagem, afirmou que o então presidente da Espanha, Pedro Sanchez, também declarou apoio à autoridade marroquina no Saara Ocidental através de uma carta escrita ao rei do Marrocos- Mohamed VI, e que o parlamento andino também apoiou o Marrocos por causa de uma visita feita em 2022 pelo parlamento, em uma cidade ocupada pelo Marrocos localizada no Saara Ocidental. Se na primeira reportagem a autora fez críticas às elites econômicas do “primeiro mundo”, nesta segunda reportagem ela criticou também, a postura de líderes do Sul Global, ou seja, um reconhecimento implícito de que estão isolados na luta. Na mesma reportagem, Itziar Canales(2022), deu ênfase às queixas feitas contra o regime marroquino por torturas e perseguições a “ativistas dissidentes e jornalistas”.

No dia 23 de setembro de 2022 foi publicada uma reportagem denominada como “Batalha diplomática pelo reconhecimento da RASD”. Nesta reportagem, a autora mostrou como a RASD (República Árabe Saaraui Democrática) conseguiu fortalecer as relações com alguns países africanos, mas também denunciou “a crise” que se agravava no Marrocos. Para Canales(2022), o Marrocos lutou por apoio de países que abriram consulados no Saara Ocidental a fim de criar “uma imagem de soberania sobre o território e incentivar a adesão de outros países.”(Canales, 2022). A autora fez também, uma denúncia relacionada à postura do Marrocos; “Enquanto luta por sorrisos diplomáticos, Marrocos mais uma vez assassina civis no Sahara Ocidental usando drones armados contra veículos. Eles gostam de ir contra os civis.” (Canales, 2022). É interessante notar através do conteúdo desta reportagem, que a RASD tinha conseguido até o momento, quase que majoritariamente, o conhecimento apenas em países do continente africano, sobretudo os que compõem a União Africana, como a Argélia.

Dia 11 de novembro de 2022 foi publicada a reportagem intitulada “Direitos Humanos Fronteiriços”. Neste texto, a autora Canales(2022), falou sobre o apoio que a Espanha deu ao Marrocos usando o “povo saharai como moeda de troca”(Canales, 2022). Para a ativista saarai, o governo Espanhol manteve esta cooperação com o governo marroquino, principalmente, sobre o controle de imigração. A reportagem denuncia também um suposto genocídio acontecido na fronteira de Nador e Melilla, e as incoerências no discurso das autoridades espanholas sobre o mesmo. O que nos mostra mais uma vez a batalha discursiva entre os grupos. A autora falou também, que “vários deputados e múltiplas organizações de defesa dos Direitos Humanos” fizeram denúncias a respeito desse acontecimento.

No dia 14 de novembro de 2022, houve a publicação da seguinte reportagem: “O PSOE é o lobby marroquino em Espanha?”, onde Canales(2022), denunciou o Partido Socialista Operário Espanhol de romper a aliança com o Saara Ocidental e, por outro lado, começar a compactuar com o Marrocos em prol de benefícios próprios, como “presentes” em dinheiro, ou bens materiais como bolsas, relógios e até viagens de luxo. De acordo com a autora “ se nos atermos às palavras, podemos duvidar. Mas, se olharmos para os fatos, é claro que o Partido Socialista, (...) é a favor do regime marroquino; mesmo que isso supostamente vá contra seus princípios.” . Nesta reportagem, ela falou também sobre a perseguição a repórteres que vinha aumentando em Marrocos. Para Canales(2022), o “Marrocos está novamente a tornar-se uma ditadura de ferro, com mão pesada. A tortura sempre existiu, mas agora é mais forte. Há perseguição de jornalistas e as prisões marroquinas estão cheias de jornalistas.”

Dia 19 de janeiro de 2023, o Parlamento europeu adotou três resoluções denunciando as violações dos Direitos Humanos em alguns países, incluindo o Marrocos. No dia 31 de janeiro de 2023, houve a publicação da seguinte reportagem “O PSOE distancia-se do Parlamento Europeu para defender os interesses de Marrocos na questão do #MoroccoGate”, que de acordo com Canales(2023), “Foi a primeira vez em 25 anos que o Parlamento Europeu apresentou e aprovou uma resolução crítica ao regime marroquino e ao seu incumprimento dos direitos humanos.” e que o Partido Socialista Operário Espanhol se distanciou do Parlamento Europeu por causa desta medida.

4 CURDAS E SAARAUIS NO AMBIENTE VIRTUAL: COMPARAÇÃO DOS DISCURSOS

Fazer uma História Comparada entre estes dois movimentos, é tentar entender as similaridades e as diferenças entre grupos de mulheres do Sul Global, que tem na gênese de suas lutas causas muito comuns como o anti-imperialismo, mas que fazem suas lutas com suas próprias especificidades nos meios virtuais e, para além disso, sabem que estão inseridas em campos de batalhas discursivas. A elaboração desta pesquisa é urgente para que não percamos estes materiais que podem “sair do ar” a qualquer momento, visto que, a guerrilha curda é considerada terrorista pela Turquia, e por diversos países do Ocidente aliados a ela. Dito isso, a comparação feita nesta pesquisa pretende contribuir também para a disseminação da discussão acerca da realidade de sociedades que têm como pilar o protagonismo feminino na reconstrução e manutenção dos territórios já mencionados, fomentando assim, o debate nos meios acadêmicos brasileiros, no qual a comparação destes dois grupos é praticamente inédita.

De acordo com um dos principais teóricos deste método Marc Bloch(1998, p.121), o método comparativo é feito quando “dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras.”, e para ter uma história comparada é necessário que haja uma “semelhança entre os fatos observados e dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar”, como podemos observar a partir da exposição acima, lutas curdas e saarauis que acontecem em lugares diferentes, mas que apresentam várias analogias entre si, como por exemplo; a simultaneidade no tempo, o viés antipatriarcal contido nas duas lutas após a criação dos partidos femininos, a luta pela sobrevivência de sociedades do Sul Global que não têm seus territórios reconhecidos, a organização política e armada após não conseguirem a autodeterminação de forma pacífica, o protagonismo feminino nos grupos, e a utilização de meios virtuais como novos “campos de batalha”.

De acordo com Prado (2005, p.15), o ativista palestino-estadunidense Edward Said coloca indiretamente o “olhar comparativo como responsável pela construção de um Oriente inventado pelo Ocidente.” porque Said estava se referindo “as visões negativas sobre o Oriente” feitas por “intelectuais” europeus que através de comparações colocavam o Ocidente hierarquicamente acima do Oriente, o que nos demonstra também como este

método “coloca desafios e demanda cautela”. Mas de acordo com Marc Bloch(1998, p. 122), quando a comparação acontece entre sociedades contemporâneas e vizinhas, “e que remontam pelo menos em parte, a uma origem comum”, é onde ocorre um maior rigor científico, pois não coloca uma sociedade hierarquicamente superior a outra. Podemos observar que esta pesquisa se propõe a fazer a comparação seguindo os caminhos teorizados por Marc Bloch.

De acordo com a informação que consta no site feito pelas saarauis intitulado SaharawisToday, ele foi ao “ar” dia 08 de julho de 2022. Dias depois, em 26 de julho de 2022, foi ao ar o site YPJ-info.org produzido pelas curdas. As reportagens feitas pelas mulheres denunciando os crimes ocorridos nos territórios que elas estão localizadas e a posição internacional frente a estes ocorridos, começam a ser feitas a partir de agosto de 2022. É interessante notar a simultaneidade no tempo em que foram feitas as primeiras publicações; nos sites não consta nenhuma informação sobre um elo entre esse acontecimento, ou seja, pode ser apenas coincidência.

Os sites surgiram da necessidade de comunicar, para além de seus territórios, o que acontece nessas regiões que lutam por reconhecimento internacional. No site da YPJ, há a informação que ele tem o intuito de “Fornecer informações precisas sobre o terreno a respeito de questões de segurança e o trabalho da YPJ, juntamente com a documentação de violações dos direitos humanos e crimes de guerra no Norte e no Leste da Síria” (YPJ, 2023). Já o site da UNMS, tem o objetivo principal, segundo o próprio site, de:

[...] narrar, en primera persona, los acontecimientos que tienen lugar en el Sáhara Occidental, permitiendo, así, que la sociedad civil saharauí se exprese. Surge de la necesidad de crear un espacio donde cualquier persona pueda encontrar información objetiva, sencilla y clara sobre el Sáhara Occidental en diferentes idiomas. (UNMS, 2023).

O que nos mostra como os sites têm a preocupação em destacar a “precisão” e a “objetividade” da informação, e demonstra também, a consciência da guerra discursiva que elas enfrentam. Em ambos os sites há a história de suas lutas, como é a organização política e militar das regiões, seus ideais, entrevistas, e principalmente a análise das mulheres a respeito das violações dos Direitos Humanos cometidas em suas regiões por variados grupos. O site da YPJ fornece informações em inglês, apesar dos curdos terem como idioma materno o curdo. O site da UNMS fornece informações em árabe, inglês e espanhol, apesar dos saarauis terem como língua nativa o árabe, o que nos mostra que os sites são dirigidos ao público externo.

O site da YPJ(2022) na página inicial, aparece a informação de que ele foi feito pelo gabinete de “informação e documentação” da guerrilha, já na página inicial do site das saarauis, trás a seguinte frase de efeito; “Não chegamos até aqui para parar”(UNMS, 2022). O site das saarauis não trás a identificação de que ele foi feito por um gabinete em específico da ala das mulheres da frente da luta, e sim por mulheres aliadas a UNMS que fazem parte da área de comunicação saarai. É interessante notar esta diferenciação nas lutas dos dois grupos feitas em ambiente virtual. Por um lado, a guerrilha feminina da YPJ(2022) busca comunicar, principalmente, o papel da guerrilha feminina dentro da luta dos curdos e as violências de gênero que recaem em mulheres curdas causadas pela violação dos Direitos Humanos que ocorrem em seus territórios, por outro lado, a UNMS não, elas buscam comunicar não só o papel central da mulher na luta saarai, mas de todos os indivíduos e trás para o centro discursivo a comunicação a respeito da violação dos Direitos Humanos que acometem todas as pessoas saarauis.

As reportagens feitas no site “YPJinfo.org” não têm a identificação de uma líder ou comandante do movimento, mas deduz-se que foram escritas por mulheres que integram a luta armada curda no Norte e Leste da Síria pela identificação de autoria feita pela própria guerrilha, pela extensa documentação contida no site e, sobretudo, a rica vastidão de detalhes sobre a luta entre 2022 e 2023 que não foram encontradas em outros meios virtuais. Já no site “Saharawistoday.com”, as reportagens foram escritas pela “nova geração de saarauis”, como elas mesmas se intitularam. As reportagens analisadas neste último site citado, com temas relacionados à violação dos Direitos Humanos, foram assinadas, principalmente pela militante saarai Itziar Canales.

As reportagens fazendo as denúncias no site das saarauis já estão inseridas na página inicial, já das curdas está na parte intitulada “Nossa pesquisa”, onde as militantes colocam suas análises sobre o ISIS, os ataques do Estado Turco, e especificamente sobre a violência de gênero, que de acordo com elas, acontecem porque as mulheres estão no “centro da luta revolucionária”(YPJ, 2022). É importante notar a ênfase que as curdas dão a violência de gênero, ao contrário das saarauis que não fazem tantas denúncias a respeito especificamente disso. Uma das hipóteses em relação a isso, é que como as curdas da YPJ continuam fazendo uma luta armada, onde elas “batem de frente” com as organizações militares da Turquia e do ISIS, acaba ocorrendo uma maior “baixa” nas mulheres da guerrilha da YPJ. Já as saarauis fizeram um trabalho mais relacionado à “base” da luta saarai entre os anos de 2022 e 2023, como nos mostra a secretária- geral da UNMS em

2023; “Somos a base. Temos a responsabilidade de nos organizarmos na base, mas também para a luta armada. Vamos para o front sempre que seja necessário”(Chaba Seine, 2023, apud Mello, 2023), o que acaba acarretando uma menor “baixa” especificamente nas mulheres do grupo em relação a YPJ. É necessário lembrar também, que apesar das saarauis terem um trabalho de “base”, elas continuam guiando a luta de seus povos, sobretudo no ambiente virtual.

O último ponto a se destacar nos sites são os usos de imagens e vídeos que causam no leitor uma certa empatia, e que acaba o “aproximando” da causa, onde identificam as mulheres que faziam/fazem as resistências nos dois grupos que foram assassinadas, e torturadas.

Imagem 5- Mulheres curdas que morreram em ataques do Estado Turco



Fonte: YPJ(2023)

Imagem 7- Mulher saarauí com cicatrizes da tortura feita pelo Estado marroquino.



Fonte: Canales(2022)

De acordo com Mauad(1996, p.78), as imagens

nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Quotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos, (...)

É visível diante disso, o sentido que as imagens têm nestes contextos históricos- as imagens e vídeos viram uma espécie de “emblemas dos acontecimentos” nos sites das curdas e das saarauis e, tornam-se uma das formas que as mulheres destes grupos acharam de tentarem legitimar os seus discursos na batalha discursiva virtual que enfrentam. Os usos imagéticos são “uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica.”(Mauad, 1996, p.76).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível as continuidades das lutas pela autodeterminação iniciadas por ambos os grupos a partir de meados do século XX e que perduram até os dias atuais, mas que passam a incluir novas frentes de batalha no âmbito discursivo em sites a partir do ano de 2022, discursos esses, feitos principalmente por mulheres. As curdas continuam tentando fazer com que seu território seja reconhecido, e pede constantemente o apoio de países estrangeiros para que haja uma punição à Turquia por seus crimes cometidos nos territórios autônomos do Curdistão. Já as saarauis, também continuam lutando por autodeterminação, e buscam também, uma “justiça internacional” para que haja uma punição, agora ao Marrocos pela invasão do Saara Ocidental.

Depois do advento da internet, foi possível perceber como os discursos e as lutas estão tomando novos lugares e novas formas de serem feitos. As discussões e reflexões feitas nos dois sites são muito similares. Ambos os discursos contidos nos sites, denunciaram as violências sofridas por pessoas curdas e saarauis vindas por parte de grupos que tentam “trucidar” seus povos desde o início do século XX, e cobraram também, uma posição das grandes potências em relação às violações dos Direitos Humanos que são sofridas, principalmente, em regiões do Curdistão e do Saara Ocidental.

Enquanto o site da YPJ deu ênfase ao discurso de como a Turquia viola os Direitos Humanos, as saarauis buscaram dar uma maior ênfase, para além disso, buscaram também nas reportagens, mostrar como os países apoiaram tanto o Marrocos, quanto a própria RASD. Ambos os grupos tiveram abordagens entre agosto de 2022 a maio 2023 que culminaram no mesmo objetivo: a luta por autodeterminação, a denúncia de violações que ocorrem em seus territórios por países muçulmanos reconhecidos, e a adoção de uma forma de comunicação que ultrapassa os limites territoriais.

É interessante notar como o método comparativo auxiliou a não fazermos generalizações equivocadas colocando as lutas por autodeterminação que aconteceram e acontecem no Oriente Médio e no Norte da África como se fossem a “mesma coisa”, pois apesar de serem lutas muito similares, cada uma contém suas próprias especificidades e “evoluíram” de maneiras diferentes apesar das coincidências no tempo e nos objetivos.

REFERÊNCIAS

- AMENI, Cauê. A revolução ignorada: Feminismo, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- A partilha da África. Superinteressante.. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-partilha-da-africa>. Acesso em: 5 de setembro de 2023.
- ASSIS, Kamila de. Mulheres Curdas: a contribuição para um novo modelo de sociedade baseada na emancipação das mulheres. RUNA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10702>
- BARROS, José D. Assunção. Fontes históricas. Cadernos do tempo Presente, v. 11, n.02, p. 03-26, 2020.
- BLOCH, Marc. Para uma História comparada das sociedades europeias. In: História e Historiadores. Lisboa: Teorema, 1998. p.119- 150.
- CHAISE, Mariana Falcão. Feminismo Transnacional: uma lente para o Anti-Orientalismo. 2016.
- CHOUCAIR, Thaís dos Santos; MOURA, Gabriella de Toledo S. C. L. A internet é um campo de batalha! As mulheres curdas, o ISIS e os usos e discursos do online em um conflito de repercussão internacional. O Cosmopolítico, v. 3, n. 2, p. 39-43, 2015.
- DE BARROS, José Maria Sydow. SAARA OCIDENTAL: HISTÓRIA, ATUAÇÃO DA ONU E INTERESSES EXTERNOS. Revista Brasileira de Estudos Africanos= Brazilian Journal of African Studies, v. 5, n. 10, 2020. Disponível em: [//www.seer.ufrgs.br/rbea/article/download/111621/60718#page=103](http://www.seer.ufrgs.br/rbea/article/download/111621/60718#page=103)
- GARRIDO, Ana. Uma breve história del Sáhara Occidental. Saharaoccidental.es, 2020. Disponível em: <https://saharaoccidental.es/historia-del-sahara-occidental/breve-historia-sahara-occidental/>. Acesso em: 05 de setembro de 2023.
- HOURANI, Alberti. Uma história dos povos árabes. Companhia de bolso. 2006.
- JUSTO, Juan Carlos Gómez. El Frente POLISARIO: La historia de un movimiento de liberación nacional vivo. Revista internacional de pensamiento político, v. 8, p. 261-280, 2013. Disponível em: <https://upo.es/revistas/index.php/ripp/article/view/3669>
- MARIGHELLA, Çiyager. Curdistão-América Latina: reflexões de um internacionalista brasileiro em Rojava. In: SÁNCHEZ, Alina et al. Outro Mundo está sendo: insurgências e autonomias entre o Curdistão e a América Latina. Brasil: editora Terra em Amos, 2022. p.37-63.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- MELLO, Michele de. Conheça a experiência de organização das mulheres do Saara Ocidental. Brasil de Fato, 2023. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/02/18/conheca-a-experiencia-de-organizacao-das-mulheres-do-saara-ocidental>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

MELLO, Michele de. Direto do Saara Ocidental: conheça a luta da última colônia da África. Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/16/direto-do-saara-ocidental-conheca-a-luta-da-ultima-colonia-da-africa>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

MELLO, Michele de. 'Seguimos aplicando padrões coloniais no feminismo', critica jovem do Saara Ocidental. Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/08/seguimos-aplicando-padroes-coloniais-no-feminismo-critica-jovem-do-saara-ocidental>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

O Império Otomano. Historiando, 2017. Disponível em: <https://historiandonanet07.wordpress.com/2017/02/07/o-imperio-otomano/>. Acesso em: 05 de setembro de 2023.

O povo curdo sem direitos. Instituto Humanitas, 2022. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/categorias/620055-o-povo-curdo-sem-direitos. Acesso em 12 de setembro de 2023.

ORTEGA, Mayara Rodrigues. A questão curda como projeto político: o conflito curdo-turco e o nacionalismo curdo. Repositório Unifesp, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/58961>

SILVEIRA, Pedro Telles. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. Antíteses, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

PANIZ, Flávia. Mulher, Vida e Liberdade: gênero, etnicidade e ecologia no movimento de mulheres Curdas em Rojava. Campos-Revista de Antropologia, v. 19, n. 2, p. 14- 30, 2018.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. cadernos pagu, n. 4, p. 9-28, 1995.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. Revista de História, n. 153, p. 11-33, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022042002.pdf>

RÉSOLUTION 1514, 14 de Dezembro de 1960. In: Gothier, L. E Trous, A., orgs. La Rencontre dès Hommes. Paris, H. Dessain, 1968, p. 258-9. disponível em: <https://macua.blogs.com/files/a-resolucao-1514-de-onu-sobre-a-descolonizacao1.pdf>

RIBEIRO, Maria Florencia Guarche. A trajetória do movimento de mulheres no noroeste do Curdistão: a institucionalização do confederalismo democrático e da jineologî (1978-2018). Repositório Lume, RS, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193052>

RIBEIRO, Maria Florencia Guarche; GUGLIANO, Alfredo Alejandro. Resistir é viver. Notas sobre a luta política das mulheres curdas por uma sociedade antipatriarcal no século XXI. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 125, p. 29-52, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/11960>

SAPONARO, Jorge Alejandro Suárez. O primeiro combate pela Liberdade: O nascimento de uma lenda. aapsocidental, 2014. Disponível em:

<https://aapsocidental.blogspot.com/2014/06/o-primeiro-combate-pela-liberdade-o.html>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

SMOLAREK, Adriano Alberto. Conflito no Saara Ocidental: um país além da miragem. *Conjuntura Global*, v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/UPINFINITOO/Downloads/34661-127275-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/UPINFINITOO/Downloads/34661-127275-1-PB%20(1).pdf)

TAVARES, Mariana Almeida et al. Filhas das nuvens: resistências femininas e representação política no Saara Ocidental. *Repositório UFSC*, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188615>

CANALES, Itzer. 14N: Os Acordos Tripartidos de Madrid. *Saharawistoday*, 2022. Disponível em: <https://www.saharawistoday.com/14n-los-acuerdos-tripartitos-de-madrid>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CANALES, Itzer. Anteriormente no Saara Ocidental... *Saharawistoday*, 2022. Disponível em: <https://www.saharawistoday.com/sahara-occidental-2020>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CANALES, Itzer. Batalha diplomática pelo reconhecimento da RASD. *Saharawistoday*, 2022. Disponível em: <https://www.saharawistoday.com/batalla-diplomatica-por-el-reconocimiento-de-la-rasd>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CANALES, Itzer. Direitos Humanos Fronteiriços. *Saharawistoday*, 2022. Disponível em: <https://www.saharawistoday.com/derechos-humanos-de-frontera>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CANALES, Itzer. O PSOE distancia-se do Parlamento Europeu para defender os interesses de Marrocos na questão do #MoroccoGate. *Saharawistoday*, 2023. <https://www.saharawistoday.com/el-psoe-se-desmarca-del-parlamento-europeo-para-defender-los-intereses-de-marruecos-en-la-cuestion-del-morocccgate>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CANALES, Itzer. O PSOE é o lobby marroquino em Espanha?. *Saharawistoday*, 2022. Disponível em: <https://www.saharawistoday.com/page-z-DXyA>. Acesso: 10 de agosto de 2023.

YPJ. Até hoje, nenhuma posição clara e suficiente foi tomada contra a brutalidade do Estado turco. *Ypj-info*, 2022. Disponível em: <https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/until-today-no-clear-and-sufficient-position-has-been-taken-up-against-the-brutality-of-the-turkish-state/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Avião turco mata 11 civis em ataque duplo em Teqil Beqil(Derik). *Ypj-info.org*, 2022. Disponível em:

<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/turkish-aircraft-kills-11-civilians-in-double-tap-strike-in-teqil-beqil-derik/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Cinco anos de governo do AKP-MHP na Turquia (Parte 1 de 3). Ypj-info.org, 2023. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/five-years-of-akp-mhp-rule-in-turkey-part-1/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Cinco anos de governo do AKP-MHP na Turquia(Parte 2 de 3). Ypj-info.org, 2023. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/five-years-of-akp-mhp-rule-in-turkey-part-2-of-3/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Cinco anos de governo do AKP-MHP na Turquia(Parte 3 de 3). Ypj-info.org, 2023. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/five-years-of-akp-mhp-rule-in-turkey-part-3-of-3/>. Acesso em 15 de julho de 2023.

YPJ. Documentando o apoio contínuo da Turquia ao ISIS no Norte e Leste da Síria. Ypj-info.org, 2022. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/documenting-turkeys-ongoing-support-for-isis-in-north-and-east-syria/>. Acesso em: 15 de julho de 2023

YPJ. Gabinete de Justiça e Reabilitação: A Turquia quer que o ISIS se reorganize e se fortaleça. Ypj-info.org, 2022. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/justice-and-rehabilitation-office-turkey-wants-isis-to-reorganize-and-strengthen/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Sobrevivendo a um ataque de drone turco: testemunho da lutadora da YPJ Ronahî Xabat. Ypj-info.org, 2022. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/surviving-a-turkish-drone-attacktestimony-of-ypj-fighter-ronahi-xabat/> .Acesso em: 15 de julho de 2023.

YPJ. Sobrevivendo a um ataque de drone turco: testemunho da mãe e lutadora do YPJ, Dicle Tirbespiye. Ypj-info.org, 2022. Disponível em:<https://ypj-info.org/on-turkish-state-attacks/surviving-a-turkish-drone-attack-testimony-of-mother-and-ypj-fighter-dicle-tirbespiye/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.